

Apresentação

Hermes de Sousa Veras (UECE)

Doutor em Antropologia Social, Professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Jerônimo da Silva e Silva (UNIFESSPA)

Doutor em Antropologia,
Professor Adjunto na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

Por força do acaso, temos uma parte dois do dossiê “Conviver com orixás, entidades espirituais e seres encantados: etnografias junto a religiões de matrizes africanas, indígenas e encantadas”. Acontece que a Entrerios está há algum tempo com um site novo, entretanto o antigo permanece no ar. Vários artigos foram submetidos para o nosso dossiê sem que soubéssemos. Para não desperdiçar a oportunidade de publicizar boas pesquisas e reflexões sob a égide da convivência com tantas diferenças, resolvemos reunir essa continuação do dossiê. A tendência é a mesma: pesquisas distintas, com abordagens que confluem, mas não necessariamente se confundem. De nossa parte, consideramos instigante continuarmos com o tensionamento das categorias produzidas pelas ciências sociais, em especial a antropologia, que se rejuvenesce, transformam-se, enfim, vivem ao se relacionarem com essas convivências tão bem apresentadas por essas pesquisas que logo mais nomearemos.

O presente número conta com a conversa (entrevista) entre Aline Paiva e Fábio Furtado, ogã na Casa de Mina Jeje Nagô Nossa Senhora das Graças, enraizada no sul do Macapá, capital do Amapá. E se na edição passada contamos com uma entrevista com a encantada Cabocla Mariana, permanecemos

nesse mesmo território etnográfico e com a presença encantada e participativa da Cabocla Mariana. Fábio nos conta que, desde criança, morava em frente ao terreiro que já contava com a proteção espiritual da encantada, sendo guia da mãe de santo da casa, Mãe Iolete, há mais de 52 anos. Nessa toada, Fábio conversa com Aline sobre intolerância e racismo religioso, os encantos das festividades e práticas da umbanda e do tambor de mina em Macapá e o compromisso com o que Fábio denomina de “sobrenatural”, a necessidade de se estar relacionado com outras ordens e seres.

Iniciamos o conjunto de artigos com a nação indígena Koiupanká em Alagoas. Em “Sem balança ou trena: as ferramentas de medida dos anciões no sertão de Alagoas”, Luiz Gustavo e Allan dos Santos aprendem sobre a matemática vinculada ao manejo da terra e da agricultura mobilizada pelos velhos sábios. Se como nos apresenta o título do artigo, as medições não utilizam instrumentos tais como a “trena” e a “balança”, esses indígenas utilizam a cuia, o litro e a braça para calcularem a terra cultivável, a quantidade de sementes necessárias para determinadas práticas agrícolas, dentre outros usos. Assim, caminhamos com os Koiupanká e as suas matemáticas e agriculturas, que estão interligadas com suas práticas rituais que põem em relação o milho, a mandioca, o murici e divindades, fazendo com que esses rituais forneçam o ritmo da organização social e vital dessa nação indígena enraizada no sertão alagoano.

A nossa “aruanda” e o nosso “juremá” são abertos por Fanuela Vasconcelos, Natalia Franco, Hannyn Garcia, Caroline de Oliveira e Mônica Costa. As autoras se inspiram nas rodas, giras e práticas rituais circulares para construir um ensaio circular, buscando trazer para a ciência e a educação a abertura giratória das encantarias. Cada autora articula a sua experiência, mergulhada nas pluralidades amazônicas, partindo desde o tambor de mina, a pajelança, a ancestralidade indígena Mura, e daí por diante, para desaguar em práticas docentes e acadêmicas na Universidade Estadual do Amazonas. Assim, as autoras reforçam que são professoras que atuam no descentramento da lógica cartesiana, buscando cosmosensibilidades e corpoéticas múltiplas. Ao nos mostrar que “Cada mulher é uma propositura, uma composição de incontáveis corpas encantadas amazônicas”, nos fazem girar junto nessa infinidade. É assim que “Cartografias circulares de uma encantaria na Amazônia: entre convívios e afetos de suas ciências e educações” vem ao mundo.

Seguindo a trilha das princesas encantadas, agora temos um artigo que mergulha na mitopoética da Cabocla Herondina. Em “Princesa turca ou pombagira:

mitopoética e performance da Cabocla Herondina em Dona Maria Natalina Santos Costa (1943-)", Diogo Jorge de Melo, Ana Souza e Ramon Alcantara apresentam o diálogo com a mãe de santo Dona Maria Natalina, enfatizando a participação da encantada na história de vida da afroreligiosa. Participação essa que se irradia pelo seu terreiro e outros territórios, tais como a própria Universidade Federal do Pará e o Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas, percorrendo vários territórios em Belém e arredores. Nesses cenários, vivenciamos a vitalidade afro-amazônica. O artigo contribui para uma compreensão sensível das interrelações entre pessoas e seus guias, em especial, entre mães de santo, sábias lideranças, e suas encantadas, guias, orixás e outras entidades espirituais.

Nos levando para Salvador e região metropolitana, Bahia, Sisnando Pacheco e Douglas Sacramento expõem os percursos da feijoada, que circula enquanto prática, comensalidade e ritual, além de ser devorada. Dessa feita, o prato é dividido entre as pessoas, caindo no gosto popular, além de ter seduzido o próprio Ògún em seus sabores. Nessa esteira, os autores passam por candomblés, focando as suas observações em junho, quando as feijoadas para Ògún confluem com os festejos para Santo Antônio de Pádua. Destrinchando as muitas transformações que a comida passa no contexto de relações culturais diversas e criativas, os autores estão atentos aos modos de relacionar pessoas, comidas, orixá e santo. Dessa forma, em "Igual eu faço na minha casa, cheia de carne, cheia de calabresa: uma análise da feijoada de Ògún" aprendemos mais sobre as transformações culinárias no contexto da reelaboração ritual das religiões de matrizes africanas.

O artigo "Kó sí ewé', kó sí òrisà" (sem folha, não há orixá): o axé como ressignificação da relação entre ser humano e meio ambiente" de Jeferson Botelho, Córa Hagino, Erika Moreira e Juliana dos Santos, retoma discussão clássica sobre as religiões de matriz africana, reativando o dito de que "sem folha, não há orixá". Nessa perspectiva, acrescenta reflexão que amplia nossas concepções a respeito do meio ambiente, a natureza e as relações humanas mergulhadas no ambiente. Tendo como uma de suas autorias um pai de santo de um terreiro de Umbanda, o artigo busca tensionar as definições sobre meio ambiente da ciência eurocentrada, pluralizando os referenciais sobre cosmos, corpos, natureza e existentes.

Com "Dono Katendê de Aruanda ê – reflexões sobre as práticas de cura na história entre Ana de Katendê e o caboclo Katendê em Itaparica (BA)", Ana Lúcia Galvão

de Castro, Ananda Sandes e Marcelo dos Santos encerram o nosso dossiê. O artigo conta com a participação e autoria da Ìyálorixá do Ilê Oyá Axé Alakayê, Ana Lúcia Galvão Castro (Oyádaré). As autoras nos levam para a Ilha de Itaparica, nos presenteadando com as relações entre candomblé, caboclos, práticas de cura, oralidades e outros saberes. Dessa forma, o caboclo Katendê se apresenta na conexão com a Ìyálorixá, na feita que o artigo expõe dinâmicas de raça, gênero, classe e religiosidade, acompanhando os agenciamentos que possibilitam, inclusive uma ampliação sobre as noções de corpo e saúde, incorporando as sabedorias dos candomblés para pensar e repensar políticas públicas de saúde voltadas para a população negra.

Os artigos e entrevista aqui reunidos trazem riqueza territorial e cósmica, nos colocando em contato com múltiplas experiências humanas em seus modos de se relacionar com tudo aquilo que, no ato de viver e nos emaranhar em ambientes e tessituras, ainda nos diz algumas palavras, imagens e conceitos sobre o que somos, o que podemos fazer e está no porvir.